

**Juventudes rurais e questões socioambientais: a Educação Ambiental
no contexto dos movimentos sociais**

**Rural youth and socio-environmental issues: Environmental Education
in the context of social movements**

**La juventud rural y las cuestiones socio-ambientales: Educación Ambiental en el
contexto de los movimientos sociales**

Jacqueline de Freitas Pádua¹
Sérgio Botton Barcellos²

Resumo

Neste artigo, buscamos discutir as questões socioambientais, a partir da Educação Ambiental Crítica, que estão contidas nas pautas socioambientais das juventudes rurais dos principais movimentos sociais camponeses brasileiros³. Utilizando, de maneira central, a discussão de juventude rural como sujeito político e de Educação Ambiental Crítica, através de uma metodologia qualitativa de análise de conteúdo, procuramos categorizar os posicionamentos dos(as) jovens que militam nos movimentos sociais rurais. As fontes de pesquisa foram os dados secundários disponíveis nos *sites*, em documentos e canais do *YouTube* dos movimentos sociais rurais, escolhidos entre os anos de 2018 e 2021. Partindo da Educação Ambiental Crítica, com o intuito de compreender as denúncias e anúncios que esses(as) jovens vem realizando sobre suas realidades diante da crise ambiental. Acreditamos que as discussões realizadas neste trabalho possam contribuir para a literatura a respeito dessa categoria, agregando à temática da juventude rural a complexidade das questões socioambientais e seus desdobramentos na realidade, bem como explicitar a organização desses(as) jovens no enfrentamento sociopolítico à crise ambiental.

Palavras-chave: Juventude rural. Educação ambiental. Questões socioambientais.

Abstract

In this article we seek to discuss the socio-environmental issues, from the perspective of Critical Environmental Education, which are contained in the socio-environmental guidelines of the rural youth of the main Brazilian rural social movements. Using the discussion of rural youth as a political actor and of Critical Environmental Education, through a qualitative methodology of content analysis, we attempt to categorize the socio-environmental concerns contained in the positions of young people who militate in rural social movements. The research sources were the secondary data available on the websites, documents, and YouTube channels of the chosen rural social movements, between the years 2018 and 2021. Starting from Critical Environmental Education, with the purpose of understanding the denunciations and announcements that these young people have been making about their realities in the face of the environmental crisis. We believe that the discussions carried out in this work can contribute to the literature about this category, adding to the theme of rural youth the complexity of socio-environmental issues and their developments in reality, as well as makes explicit the organization of these young people in the socio-political confrontation of the environmental crisis.

Keywords: Rural youth. Environmental Education. Social-environmental Issues.

Resumen

En este artículo, buscamos discutir las cuestiones socioambientales, desde la perspectiva de la Educación Ambiental Crítica, que están contenidas en las agendas socioambientales de los jóvenes rurales de los principales

¹ Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). E-mail: jacquelinefp@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais CPDA/UFRRJ. Docente do PPGS-UFPB. Atua na assessoria parlamentar da SRI da Presidência da República. E-mail: sergiobbarcellos.ufpb@gmail.com

³ Este trabalho é resultado da pesquisa de dissertação realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande.

movimentos sociais camponeses brasileiros. Utilizando a discussão de la juventud rural como sujeto político, y de la Educación Ambiental Crítica, a través de una metodología cualitativa de análisis de contenido, buscamos categorizar las posiciones de los jóvenes que militan en los movimientos sociales rurales. Las fuentes de investigación fueron datos secundarios disponibles en las páginas *web*, documentos y canales de *YouTube* de los movimientos sociales rurales, elegidos entre los años 2018 y 2021. Partiendo de la Educación Ambiental Crítica, para entender las denuncias y anuncios que estos jóvenes vienen haciendo sobre sus realidades frente a la crisis ambiental. Creemos que las discusiones mantenidas en este trabajo pueden contribuir a la literatura sobre esta categoría, añadiendo al tema de la juventud rural la complejidad de las cuestiones socioambientales y sus desdoblamientos en la realidad, así como explicitar la organización de estos jóvenes en la confrontación sociopolítica de la crisis ambiental.

Palabras-clave: Juventud Rural. Educación Ambiental. Cuestiones socioambientales.

1 Introdução

As juventudes rurais nem sempre possuem destaque no meio acadêmico, as discussões sobre essa categoria, muitas vezes, se resumem ao êxodo rural e a possível continuidade da vida no campo no Brasil. Porém, em consonância com outros(as) autores(as), acreditamos que essas juventudes rurais estão sujeitas a mudanças de acordo com os lugares em que transitam, as diferentes relações sociais que tecem e por uma reordenação diante do mundo atual. Diante disso, buscamos compreender como a discussão das questões socioambientais⁴, a partir da perspectiva da Educação Ambiental Crítica, está contida nas pautas socioambientais das juventudes rurais dos movimentos sociais camponeses brasileiros.⁵

Como as juventudes rurais estão sendo afetadas pelas mudanças e crises presentes no mundo rural? Como a participação nos movimentos sociais interferem e passam a compor os projetos de vida desses(as) jovens e suas famílias em diferentes contextos socioambientais? É nesse meio rural, que se encontra em constante relação com o urbano, um meio complexo, permeado por fatores sociais, históricos, econômicos e também ambientais diversos, onde, muitas vezes, a questão ambiental e a questão agrária se misturam, que buscamos compreender as pautas das juventudes nos territórios em que vivem e atuam. Acreditamos que a questão ambiental também faz parte dessa ruralidade vivenciada por essas juventudes (Brandenburg, 2005).

Segundo a autora Castro (2016), a partir dos anos 2000, com o aumento dos processos organizativos dos partidos políticos, movimentos sociais e outras organizações sociais, a questão da juventude e sua presença em espaços políticos começou a ter maior visibilidade acadêmica, ganhando significado de categoria política. Houve uma mudança de perspectiva sobre as juventudes brasileiras, que passaram a ser reconhecidas como sujeito de direitos, dentro e fora dos movimentos sociais (Castro, 2016). Pensando nesse cenário, os sujeitos(as) da pesquisa são os(as) jovens que atuam nos seguintes movimentos sociais camponeses: Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (CONAQ), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), Pastoral da Juventude Rural (PJR). Todos esses movimentos possuem juventudes organizadas, seja em coletivos ou em secretarias. Além disso, todos pertencem à Via Campesina – Brasil.

⁴ Como aponta Loureiro (2013, p. 69), por mais que seja redundante dizer *socioambiental* ao considerarmos o ambiente como “uma síntese de relações sociais com a natureza em um determinado recorte espaço-temporal” onde o social já estaria implícito, adotar esse termo nos auxilia a demarcar o campo político, se diferenciando de uma visão biologizante da crise ambiental.

⁵ Esse artigo é parte das reflexões contidas no trabalho de dissertação intitulado “Movimentos Sociais e as Juventudes Rurais no Brasil: uma análise a partir da Educação Ambiental Crítica” (2021) realizado pela autora durante seu mestrado em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA/FURG).

Ao estudarmos esses movimentos sociais e as organizações da juventude rural neles, é possível compreender como a dinâmica do *ficar e sair* do campo vem sendo tratada, a escolha dos(as) jovens e como diversos fatores, além do econômico, o social, cultural e até mesmo o ambiental, podem ser significativos na construção da percepção e na participação dessas juventudes na vida em sociedade atualmente, sobretudo em contextos de conflitos socioambientais. Essas situações são possíveis de serem percebidas quando as(os) jovens vivenciam situações de escolhas e conflitos de interesses diante da presença de mineradoras ou avanço da pecuária, pois, ao mesmo tempo em que relatam os impactos negativos de perda de terras, poluição, escassez de água, por outro lado esses empreendimentos oferecem acesso ao emprego e à educação profissionalizante, o que essas juventudes não encontrariam em outras situações em seus territórios.

Sob essa perspectiva, pensando nos espaços dos movimentos sociais, acreditamos que nos diferentes processos que ocorrem em sociedade, intrínsecos à nossa condição de seres sociais, é onde está a educação. Para além de acumulação de conhecimento, o processo educativo se encontra na realidade das relações sociais e na consciência sobre ela, fazendo da educação uma “prática social dialógica intencional” (Loureiro, 2008, p. 190). Desse modo, os conceitos da Educação Ambiental Crítica podem auxiliar-nos na compreensão do contexto dos movimentos sociais, nos quais se encontram permeadas variadas dinâmicas contraditórias, que os atores sociais vivenciam concretamente em suas realidades, como os conflitos socioambientais, as consequências dos usos e apropriações da natureza, as disputas políticas e institucionais, as mobilizações e os processos educativos.

A Educação Ambiental Crítica vem tratar de uma urgente transformação social que visa a superação das injustiças ambientais, da desigualdade social, da apropriação capitalista e funcionalista da natureza. Loureiro (2019), em suas reflexões, também aponta a importância de, para além de apontar os problemas ambientais, problematizá-los com o intuito de compreender suas dinâmicas causais e os atores sociais que os vivenciam. De acordo com esse autor, a escolha por essa abordagem de Educação Ambiental exige uma postura teórico-prática que não aceita soluções simplificadas, exigindo clareza para diferenciar entre o que é determinante, o que é estratégico e o que é finalidade (Loureiro, 2008).

Para nos auxiliar nesse caminho analítico, trazemos a definição de *sujeito ecológico* da autora Carvalho (2005) como ponto de partida, ao mesmo tempo em que buscamos superá-la, como propõe o autor Layrargues (2020), rumo a ideia de um *sujeito ecopolítico*, pautado na construção de um enfrentamento político, na cobrança por compromisso e responsabilidade ambiental da esfera política e econômica. Para Layrargues (2020), o conceito de *sujeito ecológico* foi cunhado em um contexto em que as conquistas no âmbito ambiental estavam crescendo junto ao Estado, ao longo dos últimos governos progressistas, com o processo de institucionalização da Educação Ambiental e de ganhos de políticas públicas voltadas à questão ambiental.

Os tempos agora são outros. Mais do que nunca, a superação da crise ambiental não se resume a uma questão ética e moral, mas, também, a uma questão política e econômica, assim “não basta formar sujeitos ecologicamente conscientes se eles também não forem politicamente atuantes” (Layrargues, 2020, p. 62). Assim, a partir da perspectiva das juventudes rurais que se encontram nos espaços dos movimentos sociais, buscamos explicitar os conflitos e as pautas, levando nossos olhares às denúncias e lutas desses atores, em consonância com o posicionamento de Layrargues (2020), na busca por fazer da Educação Ambiental um caminho de questionamento e esclarecimento diante do cenário político brasileiro.

2 Caminhos metodológicos

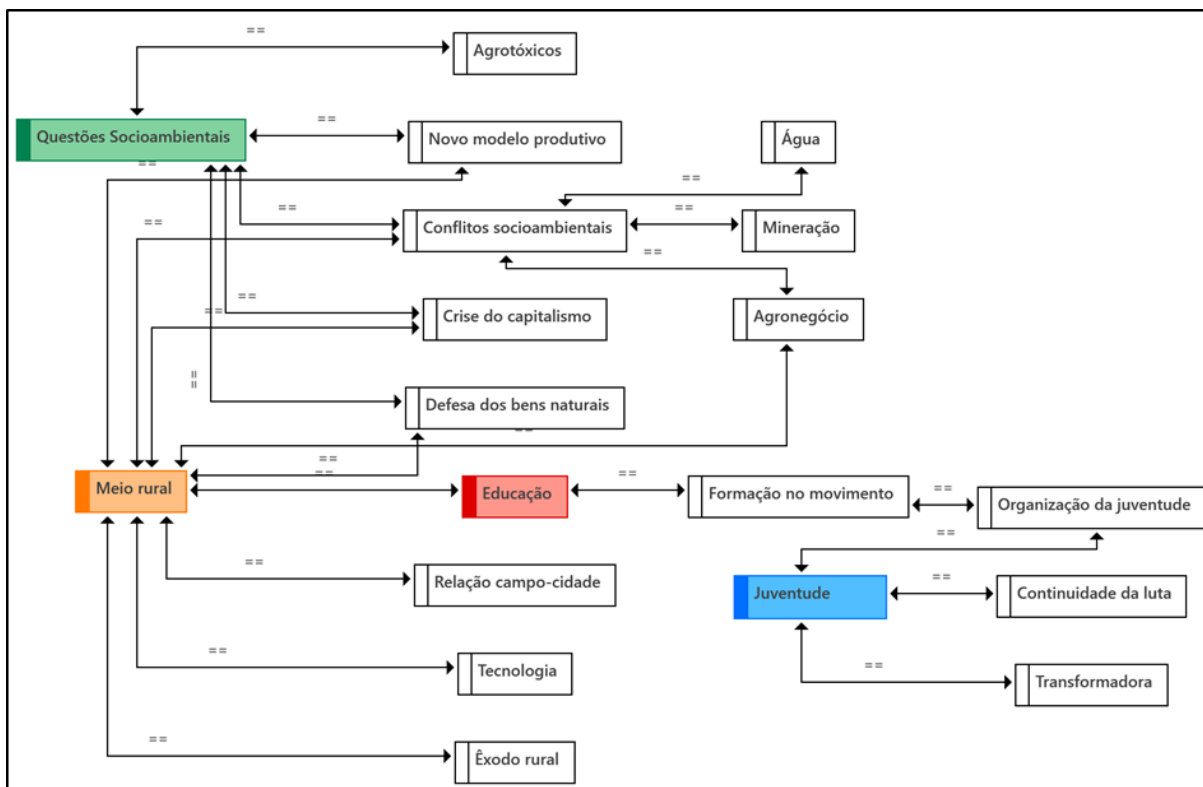
Optamos por uma abordagem qualitativa (Dalle *et al.*, 2005), o que nos permitiu analisar os posicionamentos e pautas das juventudes rurais dos movimentos sociais a partir de plataformas digitais como nossa fonte de dados, sendo elas os *sites* e os canais do *YouTube* dos movimentos sociais camponeses brasileiros, nos últimos cinco anos. Esse período foi escolhido por abranger os anos entre 2017 e 2021, representando um momento da história recente brasileira marcado por transições políticas que impactaram as políticas voltadas à juventude rural (Castro, 2016), além de abranger, também, os possíveis impactos que o período da pandemia de COVID-19 teve nesses sujeitos e seus movimentos. O *software* Atlas.ti. 9 serviu como ferramenta para organizar e codificar as transcrições dos materiais selecionados. Para guiar as análises e criação das categorias, utilizamos a teoria metodológica da análise de conteúdo, da autora Bardin (2016), que nos permitiu traçar paralelos entre o conteúdo das falas das juventudes rurais e os conceitos da Educação Ambiental Crítica. O meio digital, nesses últimos dois anos, devido ao isolamento social acarretado pela pandemia de COVID-19, se tornou o principal espaço de comunicação, reuniões, manifestações, divulgações e formações, incluso das organizações e movimentos sociais das juventudes rurais. Foi através de *lives* e das redes sociais que estes mantiveram seus eventos e seus espaços de encontro.

Os *sites* analisados e os documentos contidos neles foram: CONAQ (<http://conaq.org.br/>); MMC (<https://mmcbrasil.org/>); MAB (<https://mab.org.br/>); MPA (<https://mpabrasil.org.br/>); MST (<https://mstbrasil.org.br/>); MAM (<http://mamnacional.org.br/>). Já os canais do *YouTube* onde a pesquisa foi realizada foram: Conaquilombos (CONAQ); Juventude MST (MST); MAB Brasil (MAB); MAM Nacional (MAM); Movimento Mulheres Camponesas (MMC); Movimento Sem Terra (MST); MPA Brasil (MPA); PJR Brasil (PJR). Os *sites* são pertencentes a movimentos sociais que fazem parte da Via Campesina – Brasil, no qual estão situadas as organizações das juventudes rurais que foram pesquisadas para o trabalho. Para selecionarmos vídeos, documentos, cartilhas e artigos relacionados às juventudes rurais usamos as seguintes palavras-chave: *juventude*; *juventudes*, *jovens* na área de busca dos *sites* e dos canais do *YouTube*. Fizemos, também, uma pesquisa mais ampla na busca por relatos individuais ou outros vídeos em que pudessem estar participando alguns(as) jovens desses movimentos. Ao todo, foram analisados 24 vídeos que reuniam as falas de 64 jovens militantes.

Através da codificação feita no *Atlas.ti versão 9*, foi possível analisar a correlação entre cada uma das temáticas que surgem das falas dessa juventude rural organizada, aqui analisada. Ao todo, identificamos dezenove códigos pertinentes à investigação. São eles: agronegócio; agrotóxicos, água; conflitos socioambientais; continuidade da luta; crise do capitalismo; defesa dos bens naturais; educação; êxodo rural; formação no movimento; juventude; meio rural; mineração; novo modelo produtivo; organização da juventude; questões socioambientais; relação campo-cidade; tecnologia; transformadora.

A seguir, trazemos na Figura 1 um esquema relacionando esses códigos. Eles se relacionam às quatro principais áreas temáticas que envolvem a nossa questão de pesquisa: as questões socioambientais, o meio rural, a educação e a juventude.

Figura 1 - Principais códigos temáticos para análise



Fonte: Elaborada pelos autores

Quando os(as) jovens organizados dos movimentos camponeses falam, o conteúdo de suas mensagens nos diz a quem esses(as) jovens e as juventudes camponesas se dirigem. Assim como a análise da própria mensagem, seja seu código de linguagem ou do universo de significados ao qual ela recorre. O mesmo acontece em relação ao conteúdo. O tema da juventude pode surgir ligado às ideias de transformação e continuidade da luta, sendo que os(as) jovens se autoidentificam como responsáveis por isso, através da organização dos(as) mesmos(as). A educação aparece relacionada aos processos formativos que essas juventudes vivenciam nos espaços dos movimentos sociais, com ênfase na importância de uma educação voltada ao meio rural.

As temáticas rurais e socioambientais compartilham diversos códigos. Na análise dos dados captados, temas como conflitos socioambientais, a crise do capitalismo, a defesa dos bens naturais, a busca por um novo modelo produtivo e o enfrentamento ao agronegócio aparecem ligados ao contexto rural e ambiental. Os principais conflitos socioambientais foram relacionados à água, ao agronegócio e à mineração. Outras temáticas ligadas ao rural que emergem são o fortalecimento da relação campo-cidade, o acesso à tecnologia no campo e o debate ligado ao êxodo rural.

Após a codificação dos dados captados junto as fontes, construímos as categorias de análises. O principal objetivo da categorização é fornecer uma representação dos dados brutos, tendo por suposição que decompor e reconstruir em categorias as mensagens analisadas pode auxiliar a identificar a correspondência entre as mesmas e a realidade a qual elas pertencem (Bardin, 2016). A partir da análise dos dados coletados, as duas categorias que mais surgiram nos enunciados, discursos e conteúdos nos *sites* e canais do *Youtube* foram: *a continuidade da luta através da formação das juventudes* e *o entrelaçamento entre a questão ambiental e as pautas sociais e políticas*, contidas nos dois próximos subitens respectivamente (Pádua, 2021).

3 Juventudes rurais: diversidade unida sob a luta

Para contribuir na delimitação da categoria *juventude*, da qual nos utilizamos no trabalho, dialogamos, nesta parte do artigo, alguns autores e autoras que vêm se debruçando sobre o estudo dessa temática, nos últimos anos, no Brasil. Weisheimer (2005) realizou uma sistematização do debate acadêmico brasileiro sobre a temática da *juventude rural*, no período entre 1990 e 2004. O autor afirma que, apesar de não ter encontrado muitos consensos, foi possível notar alguns temas recorrentes, principalmente sobre o papel dos(as) jovens para o desenvolvimento agrário e para a sucessão rural (Weisheimer, 2005). De maneira geral, as produções acadêmicas que ele analisou destacam a diversidade regional, cultural, social e econômica das juventudes rurais brasileiras, além de apontarem para a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas específicas para essa categoria, principalmente aquelas voltadas à valorização do rural e à formação desses(as) jovens (Weisheimer, 2005).

Segundo Weisheimer (2005), a maior parte das abordagens se concentrava em tratar os(as) jovens apenas como objeto de estudo, mas não se preocupava em problematizar a própria construção da categoria, reduzindo-a aos critérios etários. Além disso, apesar do destaque à diversidade, apontada para a construção da identidade e os processos de socialização, o autor discute a persistência em tratar os(as) jovens que vivem em diferentes espaços sociais rurais de maneira homogênea, muitas vezes se baseando em uma dicotomia entre o rural e o urbano (Weisheimer, 2005). O autor destaca a ausência de estudos sobre as juventudes rurais brasileiras, em âmbito nacional e regional, no período entre 1990 e 2004, ficando limitados às especificidades dos contextos locais em detrimento dos aspectos globais e históricos (Weisheimer, 2005). Essa situação está se alterando nos últimos anos.

Um exemplo disso é o trabalho da autora Elisa Guaraná de Castro que, em sua trajetória como pesquisadora, vem se debruçando sobre o tema das juventudes rurais. A autora afirma que parte dos trabalhos sobre a *juventude* costuma adotar “definições genéricas, associadas a problemas e expectativas”, a juventude como “solução”, juventude como “transição”, como uma categoria marcada por comportamentos predispostos ou, muitas vezes, associada a uma imagem de incompletude, que necessita de encaminhamentos e direcionamentos (Castro, 2009, p. 181). No Brasil, os estudos acerca da juventude, em sua maioria, tratam a respeito da juventude urbana, além disso, como *ator político* as políticas públicas de juventude não têm a juventude rural como foco prioritário (Castro, 2009).

A autora Carneiro (1998) também comenta sobre as dificuldades de definir e delimitar tal categoria, mas não acredita que a definição deva seguir critérios biológicos ou jurídicos. A autora se interessa mais em compreender como as juventudes rurais são afetadas pelas mudanças e crises presentes no mundo rural, e como esses movimentos interferem e passam a compor os projetos de vida desses(as) jovens e suas famílias em diferentes contextos socioeconômicos (Carneiro, 1998). Para a autora, "o jovem é aquele indivíduo que se encontraria em uma fase caracterizada pela discrepância entre o projeto de vida vislumbrado e as atividades em realização" (Carneiro, 1998, p. 96).

Também, é importante destacarmos que essas juventudes que se encontram no campo não são todas iguais. A percepção sobre o que significa *ser jovem* está sujeita a mudanças de acordo com os lugares em que os(as) jovens transitam e as diferentes relações sociais que têm ao longo de suas vidas. Optamos por tratá-los no plural, por entender que, por mais que possuam um denominador em comum, ou possam ser consideradas como *categoria unificada*, viver no meio rural brasileiro e estar sujeitos às particularidades desse ambiente, cada uma das juventudes aqui tratadas, em seus diferentes territórios, em suas diferentes comunidades, em distintos contextos sociais, culturais, históricos e ambientais, possui um significado, uma experiência particular e diferentes formas de reconhecimento sobre o *ser jovem*.

Em nossas análises, foi possível perceber que os(as) jovens dos movimentos se percebem como responsáveis pela conquista dos direitos e pela ampliação do debate sobre políticas públicas para o meio rural. Há um senso de dívida histórica com aqueles que lutaram antes deles(as) e contribuíram para a construção do movimento social, principalmente entre a juventude do movimento quilombola onde o conceito de ancestralidade é sempre evocado.

Essas juventudes consideram-se uma força transformadora, sendo esse o adjetivo mais atribuído à autodescrição de juventude feita por esses(as) jovens nos materiais analisados. Ao atribuírem a si esse poder transformador, esses(as) sujeitos têm observado que acabam por ser fonte de disputa nos espaços políticos e sociais:

[...] mas porquê que ela é disputada mesmo?... porque a nossa juventude ela já demonstrou né... ser jovem é ter uma capacidade de reivindicação...uma capacidade de mobilização... e uma capacidade de entrega em processos que podem sim transformar o marco...os marcos das nossas sociedades né... a juventude protagonista no processo de revolução... na Revolução Sandinista... os jovens na América Latina como todo são protagonistas de vários processos de transformações sociais... isso a história já nos mostrou... (Carlos Alberto, militante do LPJ, 2020)⁶

Estando no espaço organizado dos movimentos, essas juventudes têm na organização o meio para articular suas lutas e as mudanças que desejam, apesar de ainda identificarem dificuldades na comunicação entre gerações. Essas juventudes se definem como seres em formação e apontam para a importância do movimento social como guia e suporte para isso. Em concordância com a perspectiva da autora Gohn (2001), esses atores consideram o espaço dos movimentos sociais como ambiente educativo.

A maior parte das juventudes organizadas, aqui analisadas, identifica em si a continuação da luta e, também, o instrumento de formação de outros(as) jovens. Esses(as) jovens ressaltam, em suas falas, que querem cooperar com a construção dos movimentos sociais e agregam a eles suas próprias pautas, se colocando no centro da busca por direitos, por entenderem que o futuro da luta está vinculado aos seus próprios futuros. Ao mesmo tempo que representam a renovação dessa mesma luta. Aqui, percebemos a consonância com o que afirma Gohn (2001) sobre a força social coletiva organizada, interligando o presente e o passado dentro da história e das práticas dos movimentos.

Em alguns casos, o exemplo de estratégias já utilizadas na história de luta dos movimentos é usado como caminho a não ser mais seguido. Em algumas das falas analisadas surgiram depoimentos pontuando que, apesar do aprendizado contido nas lutas das gerações anteriores e na conquista de políticas públicas voltadas para o meio rural, o momento atual é de pensar em ações diferentes, que busquem a estruturação de uma política de Estado que possa garantir a longo prazo os direitos dessas juventudes rurais.

Como explicitado na fala de uma jovem militante do MPA, no estado do Espírito Santo, durante uma *live* da juventude do movimento, transmitida em 2020 no *YouTube*⁷:

[...] também não podemos enquanto nova geração camponesa tomar as mesmas medidas e acreditar nas mesmas formas de mudanças que acreditávamos algum tempo atrás... porque... as formas com que acreditavam que íamos mudar esse sistema infelizmente já vimos aí pela história que não são as formas com que a gente vai conseguir de fato derrubar o capital né...

⁶ NOVA Geração Camponesa e Soberania Alimentar [s.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (109 min). Publicado pelo canal MPA - Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btfedS4Py1E>. Acesso em: 30 jul. 2021.

⁷ NOVA Geração Camponesa e Soberania Alimentar [s.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (109 min). Publicado pelo canal MPA - Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btfedS4Py1E>. Acesso em: 30 jul. 2021.

não vai ser fazendo apenas políticas públicas que a gente vai derrubar esse modelo de sociedade né... (Kátia Soprano, militante do MPA/ES, 2020)

Essa fala vai ao encontro com o que aponta Barcellos (2021), no sentido que esses movimentos se encontram reconstruindo suas estratégias, passando a acionar o acúmulo das organizações e pautas construídas ao longo dos governos Lula-Dilma, mais o histórico acumulado ao longo dos anos 1990 e 1980, traçando novos caminhos para lidar com o atual contexto político brasileiro. E, nesse cenário, as pautas das juventudes, assim como as pautas socioambientais passam a serem enunciadas, cada vez mais, nos espaços dos debates e nas estratégias de luta dos movimentos.

O êxodo rural ainda permaneceu como temática ligada ao rural para essas juventudes, sendo apontado como consequência do sistema de produção capitalista e os(as) jovens camponeses se percebem como sujeitos que, através de sua permanência no campo e da produção de alimentos saudáveis, podem reverter esse cenário. Porém, essa permanência não ocorre a qualquer custo, como aponta uma militante do estado do Sergipe ao comentar sobre o que espera que o movimento a auxilie a conquistar, durante uma *live* da juventude do MPA em 2020⁸:

[...] porque eu não vou me matar pela construção de uma organização... mas eu tenho que colocar a minha organização dizendo... olha... eu vou fazer o debate no campo... mas eu preciso de tecnologia aqui... preciso de um mini trator... preciso de uma roçadeira... é necessário... é fundamental... não quero que o jovem fique no campo arrancando catingueira com as mãos para dar comida pras vaca não... no semiárido desse... me poupe... (Maria Santos, militante do MPA/SE, 2020).

Há uma reivindicação entre essas juventudes em relação às condições para que os(as) jovens tenham no campo um *espaço de vida*, ou seja, as condições necessárias para que esses sujeitos permaneçam com qualidade de vida em seus territórios. Os(as) jovens, apesar de a maioria se reconhecer como responsáveis pela luta e pela sucessão rural, trazem a importância de terem acesso às tecnologias para que a escolha dessas juventudes em viver no mundo rural ocorra em condições consideradas melhores que aquelas vivenciadas pelas gerações anteriores. Condições essas que, além de apenas econômicas, são também sociais, políticas, culturais e ambientais.

4 Pautas ambientais, sociais e políticas: vislumbres de um sujeito ecopolítico

Nas falas desses(as) jovens, algo que nos chamou atenção foi a presença de uma associação entre as pautas sociais e ambientais. Ao tratar da questão ambiental, nas falas observadas, o tema não vem separado das pautas sociais e políticas. O modo de produzir o alimento e de defender o território e a cultura surge associado a própria defesa da natureza. Esses(as) jovens do campo sempre ressaltaram a conexão entre o meio rural e o meio ambiente, algumas vezes até tratados como um só.

Os danos ambientais, principalmente os causados pela expansão do agronegócio, como desmatamento e avanço das queimadas, intensificado nos últimos anos no país diante da política ambiental (ou ausência) do atual governo, também são expressados pelos(as) jovens em suas falas. Há uma preocupação com o denominado *avanço do capital* sobre os territórios. O agronegócio e os empreendimentos mineradores são apontados como invasores das reservas

⁸ NOVA Geração Camponesa - Arte, Memória e Cuidado [s.l.:e.n.] 2020. 1 vídeo (69 min). Publicado pelo canal: MPA - Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sZdXk9PuwpY>. Acesso em: 04 ago. 2021.

ambientais, das terras indígenas e quilombolas, dos assentamentos e demais territórios tradicionais. Na *live* do MMC “Jovens ‘Esperança e Resistência’ Jornada N. Sementes de Resistência”, que ocorreu em 2021, uma jovem militante do MMC do Distrito Federal usou o termo *sociobiodiversidade* para nomear o conjunto de bens naturais e práticas culturais que se encontram sob ameaça por esse avanço⁹.

Em consonância com o debate proposto por Castro (2016), essas juventudes rurais, de maneira geral, seguem pautando questões relacionadas ao acesso à terra através da reforma agrária, regularização e titulação das terras (no caso das juventudes quilombolas), sustentabilidade, inclusão digital, geração de renda, tecnologia para produção, especialmente a produção agroecológica, condições essas importantes para a permanência no campo. Esses fatores reafirmam a importância dessas juventudes como atores políticos. E, para além de apenas a arena política, a importância dessas juventudes como um tipo de *sujeitos ecopolíticos*, de acordo com Layrargues (2020). Para além de uma postura de mudança de comportamento diante da crise socioambiental, essas juventudes rurais pautam as questões socioambientais no enfrentamento político, cobrando por compromisso e responsabilidade ambiental da esfera política e econômica (Layrargues, 2020).

A constante disputa com o agronegócio, a ocorrência de conflitos socioambientais em suas localidades, o acesso à água e outros bens naturais, as disputas políticas, as mobilizações, todas dinâmicas que fazem parte da construção das pautas socioambientais no âmbito dos movimentos sociais e, conseqüentemente, influem na construção das pautas que a juventude rural apresenta como suas nesses territórios (Loureiro, 2008).

Há nas falas dessas juventudes dos movimentos sociais rurais uma explícita combinação de denúncia e anúncio (Layrargues, 2020). Essa combinação é manifesta da seguinte forma: a denúncia da lógica do agronegócio e de grandes empreendimentos, que geram desperdícios dos bens naturais, como a água e o solo; os desmatamentos; a contaminação e o envenenamento por agrotóxicos; a distribuição e o acesso desigual aos territórios e aos bens naturais presentes neles, devido à lógica capitalista; as conseqüências sociais e ambientais dessas lógicas de exploração intensiva; da ausência de uma política de Estado voltada às populações do campo e aos biomas naturais. E o anúncio de uma saída, de um outro modo de produzir, na maioria das vezes pautado na Agroecologia, no fortalecimento da relação entre o campo e a cidade, na busca por uma alimentação saudável, por políticas públicas voltadas às juventudes e ao meio rural.

Como está expresso por Barcellos (2021), acreditamos que essa diversificação dos temas abordados pelas juventudes rurais está relacionada a uma busca por fortalecer e aumentar a expressão política, criando a partir das temáticas socioambientais novas relações de poder e mobilizando recursos culturais e cognitivos. As dinâmicas espaciais e ambientais de cada contexto e ecossistema em que vivem esses(as) jovens fazem parte do conjunto de relações que esses sujeitos constroem com seu território, com o movimento do qual fazem parte, com suas comunidades e com o projeto socioeconômico presente ali (Barcellos, 2021).

Alguns caminhos apontados por essas juventudes rurais, nesses últimos cinco anos, presentes nos espaços dos movimentos analisados, como enfrentamento ao sistema capitalista e a conquista de uma sociedade justa e igualitária, foram o fortalecimento da relação campo e cidade, a produção de alimentação saudável, os cuidados com a natureza e a organização popular. A busca por um novo modelo de relações sociais surge vinculado à busca por formas mais sustentáveis de se relacionar com a terra e com a natureza na pauta ligada à luta contra o

⁹ *LIVE* das Jovens "Esperança e Resistência" Jornada N. Sementes de Resistência [s.l.:s.n.], 2021. 1 vídeo (52 min). Publicado pelo canal Movimento Mulheres Camponesas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bvBTqAd9amI>. Acesso em: 31 jul. 2021.

sistema capitalista, como demonstra a seguinte fala de uma militante do MPA do Espírito Santo, durante uma *live* da juventude do movimento em 2020¹⁰:

[...] não é uma ideia de que vamos destruir esse sistema e acabar com esse sistema de uma forma... de uma forma amigável... porque não é uma forma amigável... mas é com toda essa relação de campo e cidade... de produção de alimentação saudável... de cuidados com a natureza... de organização popular... é que a gente vai conseguir enfim ter uma sociedade justa e igualitária... (Kátia Soprani, militante do MPA/ES, 2020).

Há uma demonstração de preocupação com a atual crise do modelo capitalista, que concentra a população nas grandes cidades enquanto o agronegócio avança sobre o campo. Outro jovem militante do MPA, durante a mesma *live*, afirmou que esse modelo dominante tende a formar jovens camponeses que não se questionam sobre o modelo agrícola hegemônico¹¹. Isso, para essas juventudes, reafirma a importância dos espaços de formação dos movimentos, pois entendem esses(as) jovens do meio rural como sujeitos de disputa entre diversos setores da sociedade.

Podemos perceber, também, que apesar dos espaços dos movimentos se configurarem como um lugar de afirmação da identidade camponesa, o estigma sobre o meio rural ainda surge na fala de alguns(as) jovens. Uma militante da PJR do estado da Paraíba afirma que "ser jovem no Brasil não é fácil" e associa essa dificuldade com o modo da sociedade encarar o campo como relacionado ao atraso (MPA, 2020)¹². Em sua fala, o meio rural ao qual pertence, onde os movimentos sociais são atuantes e predomina a agricultura familiar, aparece em oposição ao agronegócio, esse último como modelo de desenvolvimento a ser seguido pela sociedade capitalista.

A aliança com a cidade e as questões socioambientais passam a fazer parte da construção da ruralidade dessas juventudes. Notamos uma espécie de dissolução das fronteiras entre rural e urbano, como apontam Carneiro (1998) e Bezerra e Bacelar (2013), porém, como essas autoras sugerem, não no sentido do desaparecimento do modo de vida do campo, mas essa nova forma de construir relações entre o campo e a cidade como uma estratégia de afirmação da importância do próprio rural. Além de demarcar uma estratégia de mobilidade para essas juventudes, que percebem as fronteiras entre os dois mundos mais tênues, abrindo possibilidades para aproveitar o melhor dos dois mundos, sem com isso perder sua identidade de jovem do campo. Ainda assim, as dinâmicas devidas no meio rural, as formas como a população e, conseqüentemente, a cultura local são impactadas e modificadas não são homogêneas, afetando o rural de maneira diversa, gerando, mesmo dentro do âmbito dos movimentos sociais camponeses, diversas ruralidades distintas (Carneiro, 1998).

Segundo Loureiro (2006), muitos movimentos sociais se envolvem em lutas relacionadas à qualidade de vida e à possibilidade de sobrevivência em determinado espaço, pautando as questões ambientais diante de ameaças concretas às suas realidades. Assim, diferentes movimentos sociais, por mais que todos eles se denominem camponeses, apresentam diferentes composições e organizações, pautando questões contextualizadas e situadas ao contexto e aos padrões políticos, culturais e históricos que vivenciam. Ao encontro de Castro (2016), temas como sustentabilidade, assistência técnica e Agroecologia podem tanto aproximar os debates, quanto expressar diferenças entre os movimentos.

¹⁰ NOVA Geração Camponesa e Soberania Alimentar [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (109 min). Publicado pelo canal MPA - Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btfedS4Py1E>. Acesso em: 30 jul. 2021.

¹¹ NOVA Geração Camponesa e Soberania Alimentar [s.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (109 min). Publicado pelo canal MPA - Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btfedS4Py1E>. Acesso em: 30 jul. 2021.

¹² NOVA Geração Camponesa e Soberania Alimentar [s.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (109 min). Publicado pelo canal MPA - Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btfedS4Py1E>. Acesso em: 30 jul. 2021.

5 Considerações finais

Foi possível compreendermos, através da pesquisa, que a atuação das juventudes rurais enquanto atores políticos, dentro do âmbito dos movimentos sociais estudados, vêm ganhando destaque nos últimos anos, no Brasil, tanto nos espaços dos próprios movimentos, quanto nas pesquisas acadêmicas e nas políticas públicas do Estado. Ainda assim, esse processo foi e ainda é permeado por impasses, avanços e retrocessos, principalmente diante do atual contexto sociopolítico em que vivemos, marcado pela desestruturação de diversas políticas voltadas para essas juventudes e as populações do rural brasileiro, pelo avanço da insegurança alimentar principalmente no rural, pela crise sanitária da Covid-19 e pelo aumento exponencial de conflitos socioambientais ligados aos territórios pelo país. A partir da discussão realizada neste trabalho, podemos perceber que as pautas comuns a essa categoria, como a sucessão rural, o acesso à terra e à educação, estão presentes nos posicionamentos dos(as) jovens, que buscam, diante da realidade atual, pautar também uma transformação social da realidade no rural brasileiro.

Durante a investigação foi possível notar que as questões socioambientais são elaboradas e pactuadas como uma grande pauta dentro dos movimentos, porém de maneira diversa, e que acaba refletindo a própria diversidade dos movimentos e, conseqüentemente, nos posicionamentos de suas juventudes. Elas surgem ligadas ao contexto específico de cada um(a) dos(as) jovens, que reivindicam o reconhecimento das formas culturais locais de acesso e uso desses bens. A combinação da denúncia e do anúncio em suas falas os aproxima do lugar de um sujeito ecológico. Lugar esse que condena a lógica do agronegócio e das grandes empresas marcada pelo mau uso dos bens naturais como água e solo, pelo desmatamento e contaminação por pesticidas, pela distribuição e acesso desiguais aos territórios; além da falta de políticas voltadas para a população rural e para o meio ambiente. Ao mesmo tempo, um lugar marcado pela prática e luta dentro dos movimentos, que remete a outro método de produção, majoritariamente agroecológico, no fortalecimento da relação entre a terra e a cidade, na busca por uma alimentação saudável, justiça social e ambiental por meio de políticas públicas para as juventudes e para o meio rural.

Destacamos, também, que uma possível superação da crise ambiental, para além de ética e moral, deve ser tratada como uma questão política e econômica, sendo importante, nesse processo, visibilizar as lutas populares de resistência dos movimentos sociais. Por meio deste trabalho, procuramos compreender os conflitos e as desigualdades sociais e ambientais a partir da perspectiva das juventudes rurais atuantes nos movimentos sociais rurais brasileiros. Através de suas pautas e posicionamentos, procuramos analisar suas denúncias e suas lutas, buscando fazer da Educação Ambiental um caminho de questionamento e discussão acadêmica e social.

Referências

BARCELLOS, S. B. Juventude rural e as vivências com os conflitos socioambientais em seus territórios. In: 20º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2021, Belém. *Anais ...* Belém: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2021. p. 1-20. ISSN: 2236-6636

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEZERRA, M. L.; BACELAR, T. As concepções contemporâneas de ruralidade e suas singularidades no Brasil. In: MIRANDA, C.; SILVA, H. (org.). *Concepções da ruralidade contemporânea: as singularidades brasileiras*. Brasília: IICA, 2013. p. 35-76. (Série Desenvolvimento Rural Sustentável; v. 21).

BRANDENBURG, A. Ciências sociais e ambiente rural: principais temas e perspectivas analíticas.

Ambiente e Sociedade, Campinas, v. 8, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2005.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 11, p.53-75, out. 1998.

CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidades e subjetividade na formação dos educadores ambientais. In: SATO, M. & CARVALHO, I. C. M. (org.) *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a constituição de um ator político. *Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Niñez y Juventud*, Manizales, v. 7, n. 1, p. 179-205, 2009.

CASTRO, E. G. Juventude rural, do campo, das águas e das florestas: a primeira geração jovem dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude. *Revista de Ciências Sociais*, João Pessoa, n. 45, p. 193-212, jul./dez. 2016.

DALLE, P.; BONIOLO, P.; SAUTU, R.; ELBERT, R. *Manual de metodología. Construcción del marco teórico, formulación de los objetivos y elección de la metodología*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

GOHN, M. da G. *Movimentos sociais e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LAYRARGUES, P. P. Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. *Ensino, Saúde e Ambiente*, Niterói, Número Especial, p. 44-87, jun. 2020.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental e Movimentos Sociais: reflexões e questões levantadas no GDP. *Pesquisa em Educação Ambiental*, Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 187-201, 2008.

LOUREIRO, C. F. B. *O movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quarter Editora, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. Questões ontológicas e metodológicas da educação ambiental crítica no capitalismo contemporâneo. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Rio Grande, v. 36, n. 1, p. 79-95, jan./abr. 2019.

LOUREIRO, C. F. B. *Sustentabilidade e Educação: um olhar da ecologia política*. São Paulo: Cortez, 2013.

MOVIMENTO Mulheres Camponesas. Live das Jovens "Esperança e Resistência" Jornada N. Sementes de Resistência [s.l.:s.n.]. *YouTube*, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bvBTqAd9amI>. Acesso em: 31 jul. 2021.

MPA – Brasil. Nova Geração Camponesa - Arte, Memória e Cuidado [s.l.:s.n.]. *YouTube*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sZdXk9PuwpY>. Acesso em: 04 ago. 2021.

MPA – Brasil. Nova Geração Camponesa e Soberania Alimentar [s.l.:s.n.], *YouTube*, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btfedS4Py1E>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PÁDUA, J. F. *Movimentos Sociais e as Juventudes Rurais no Brasil: uma análise a partir da Educação Ambiental Crítica*. 2021. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2021.

WEISHEIMER, N. *Juventudes rurais: mapas de estudos recentes*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.